



A SIGNIFICAÇÃO, O USO E A REPRESENTATIVIDADE SOCIAL DOS ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS: O CASO DAS PRAÇAS SÃO JOSÉ E GETÚLIO VARGAS EM CAMPO MOURÃO/ PR

¹ANDRADE, Thiago Bocon. IC, Fecilcam, CNPq, Geografia, Fecilcam, thiagobocon@bol.com.br

²BOVO, Marcos Clair (OR), Fecilcam, mcbovo@yahoo.com

INTRODUÇÃO

As praças compreendem formas espaciais que caracterizam a organização do espaço urbano desde os tempos mais remotos. Como espaços livres e públicos, as praças têm valor significativo enquanto espaço comum de socialização e bem estar à população. Assim é que “o espaço livre é um elemento de aglutinação entre os diversos tipos de espaços edificados” (LANDIM, 2004, p.27).

Este espaço (a praça), sendo aberto e livre, cria condições para que nele se produzam realizações e relações sociais que possibilitam e dão sentido à vida urbana, que resguarda historicamente em sua essência a ideia de convivência humana, sendo as praças, talvez, a maior simbologia disso. Para Vargas (2001, p.98) os logradouros públicos como as praças são tidos como “lugares onde uma pessoa pode estar sozinha sem dar a impressão de estar solitária”

Para Segawa (1996, p. 31), “a praça é um espaço ancestral que se confunde com a própria origem do conceito ocidental urbano”.

Os pesquisadores Robba e Macedo (2002, p. 17), ao realizarem o estudo das praças brasileiras, consideram as premissas básicas ao elaborar um conceito para esses espaços: uso e acessibilidade. Concordamos com esses autores quando conceituam praças como “espaços livres urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”.

No caso do nosso país, as praças surgiram no entorno das igrejas e constituíram os primeiros espaços livres públicos urbanos. Tais logradouros atraíam as residências mais luxuosas, os prédios públicos mais importantes e o principal comércio, além de servirem

¹ Graduando em Geografia/ Licenciatura; Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão – Fecilcam; Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/ CNPq; Pesquisa desenvolvida junto ao Núcleo de Pesquisa Multidisciplinar – NUPEM/ FECILCAM; Membro do Grupo de Estudos Urbanos da FECILCAM-GEURF.

² Professor adjunto do curso de Geografia; Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão/ Fecilcam; Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM; Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP; Membro do Grupo de Estudos Urbanos da FECILCAM-GEURF.



como espaços de convivência da comunidade e como elo desta com a paróquia. Assim, “logradouro público por excelência, a praça deve sua existência, sobretudo, aos adros das nossas igrejas” (MARX, 1980, p.50).

Considerada em um viés geográfico, a praça representa muito mais que um espaço físico composto por mobiliários urbanos, paisagismo ou arborização. Ela representa um espaço característico pela qual se manifestam as relações sociais na cidade que se tornam mais perceptíveis em logradouros públicos. Nesse sentido “a praça vista como espaço geográfico impõe um desafio que é de captá-la enquanto fato dinâmico, onde desfila não só a individualidade de seus passantes e ocupantes, mas, sobretudo o *continuum* da coletividade” (DE ANGELIS, 2000, p.39).

Tendo em vista a importância desses logradouros, este trabalho buscou estudar a representatividade social das duas praças centrais e históricas de Campo Mourão/PR por meio de seus diferentes usos e percepções de seus usuários.

REFERENCIAL TEÓRICO

As praças constituem equipamentos histórico-culturais que até hoje integram o cenário urbano, sendo características em cidades de pequeno, médio e grande porte. A perpetuação de espaços públicos como praças fortalece em muito a idéia de que o “urbano” se constrói pela coletividade em meio ao confronto das diferenças.

Seja em sentido de uso para comércio, local de espetáculo, ofícios religiosos, festas, lazer ou mesmo a confluência de várias dessas atividades, as praças atualmente “abrigam” uma série de possibilidades. Sendo espaços livres, as praças dão-nos uma excelente amostragem da própria “cidade em miniatura”, onde é possível evidenciar diversos grupos sociais que integram o cenário urbano e assim compartilham às vezes de modo conflituoso, tais espaços como: famílias, prostitutas, michês, travestis, andarilhos, desocupados, ambulantes, aposentados, etc.

O fato é que com o tempo, o significado das praças se alterou em virtude dos diferentes valores e usos que a sociedade lhes atribuiu no decorrer do tempo histórico. Assim é que tais espaços públicos ganham diferentes representatividades sociais que nada mais são do que o resultado e o reflexo do sentido que a “cidade” dá a seus próprios equipamentos constituintes, como as praças. Nesse contexto, a “praça não é só elemento físico, estruturador, mas um elemento que congrega e referencia a paisagem, adquirindo conotação simbólica, onde o observador retém na memória, enquanto ponto de referência” (DE ANGELIS, 2000, p. 197).



De uma forma ou de outra, a percepção do sentido e da finalidade dos espaços públicos pela população se dá de forma diferenciada. É por isso que o profundo pessimismo que hoje comumente se atribui às praças não pode ser generalizado, pois é impossível traduzir atualmente a função, uso e sentido das praças, já que a característica essencial de tais logradouros se faz pela diversidade cultural de possibilidades que pode abrigar (enquanto espaço público) e não por uma ou outra função específica. Não em sentido geral, mas normalmente “a apreensão do sentido de praça varia de população para população, de acordo com a cultura de cada lugar” (SILVA *et all*, 2007, p. 3).

Como equipamentos histórico-culturais, as praças têm como característica intrínseca a possibilidade de ser um espaço físico apropriado para o encontro e a convivência que em sua extensão caracteriza o próprio fenômeno urbano. Acontece que nos dias de hoje concorrem com as praças para tal fim outros espaços alternativos como *shoppings centers*, centros comerciais, clubes e etc. Assim, a TV, a internet, as conversas virtuais tem se constituído como opções alternativas de lazer, devido ao fato de que os espaços públicos passaram a ser sinônimo de insegurança e violência. Teria isso afastado às pessoas das praças em alguns locais e priorizado a busca por espaços de lazer privados?

Nesse contexto, Ferrara (1993, p. 225) observa que a partir da segunda metade do século XX,

A praça, a avenida, a multidão, enquanto expressões públicas da cidade, foram substituídas pelas versões urbanas íntimas, demarca-se claramente o espaço individual separando-o do coletivo, e reivindica-se a demarcação signíca dessa visão em nome da propriedade, da segurança, da tranquilidade íntima e da livre expressão.

Nessa nova imagem urbana colidem o público e o privado, prevalecendo o segundo sobre o primeiro, na medida em que agora, os espaços coletivos urbanos – praças, avenida, ruas, galerias, lojas e pavilhões - cedem lugar à habitação como espaço urbano da intimidade, espaço vedado, seguramente protegido por portões, grades, murros, múltiplos signos de vedação, o mundo da solidão, a casa como lugar onde nos escondemos.

Enquanto áreas verdes (quando não totalmente impermeabilizadas) as praças trazem uma série de benefícios relacionando-se a práticas de arborização e extensão do “verde” na cidade, desempenhando papel importante como: propiciar sombra, purificar o ar, diminuir a poluição sonora e visual, e etc. Para Guzzo (1991, p. 3), “as áreas verdes urbanas proporcionam melhorias no ambiente excessivamente impactado das cidades e benefícios para os habitantes das mesmas”.

As praças vivem atualmente um dilema no que se refere a seu sentido e significação em meio a malha urbana, onde muitas vezes são pouco zeladas e amplamente desvalorizadas, sendo utilizadas muitas vezes como estacionamentos.

Lopes *et all* (2009, p. 60) afirma que,



Outro fator de abandono dos espaços públicos diz respeito aos novos tipos de apropriação que com o tempo resultaram na perda do referencial histórico e cultural acarretando uma desfiguração da paisagem urbana. A mudança de uso e o afastamento da população dos espaços públicos aconteceram de forma mais significativa nas praças centrais da maioria das cidades, pois nestas áreas, acompanhando as transformações ocorridas na sociedade, a atividade comercial suplantou a residencial [...].

Embora a representatividade social e o grau de importância das praças oscilem com o tempo, tais espaços fazem parte da organização do espaço urbano de toda e qualquer cidade, ou seja, elas ainda existem de fato! Presta-se a vários usos e funções! Possuem um significado, uma representatividade social! Alguém as frequenta, e por algum motivo! Mas quais são esses usos? Que significados são atribuídos as praças? Por que e por quem são usados tais espaços públicos? As famílias ainda frequentam as praças? Quais os aspectos positivos e negativos relacionados a tais logradouros?

Nesse sentido, e tentando responder a essas e demais indagações, o presente trabalho teve como objetivo estudar as duas praças centrais de Campo Mourão – Praça São José e Praça Getúlio Vargas – procurando verificar como se dá o uso, percepção e conseqüentemente o significado social atribuído pelos usuários a esses dois espaços.

METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa foram selecionadas as duas praças centrais de Campo Mourão/ PR – Praça São José e Praça Getúlio Vargas. Em seguida para a organização da pesquisa adotamos os seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica, levantamento de campo e análise dos resultados. Desse modo, foram realizados estudos bibliográficos de teses, dissertações, livros, artigos, revistas, jornais e textos eletrônicos relacionados às áreas verdes urbanas, com o objetivo de buscar fundamentação teórica para a sustentação e elaboração do estudo das duas praças de Campo Mourão.

Na sequência foram realizadas observações *in loco* para averiguar a forma de uso e apropriação dos espaços das praças. Simultaneamente foram aplicados 80 questionários com os usuários das praças centrais de Campo Mourão, alternando-os em igual número entre as duas praças centrais. As entrevistas foram realizadas em diferentes dias da semana considerando-se as diferentes faixas etárias.

Após a conclusão das entrevistas, os resultados foram sistematizados e tabulados sob a forma de gráficos que posteriormente foram interpretados, a fim de promover uma melhor visualização do uso, representatividade e significação de tais praças.



CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL

Campo Mourão é um município do Estado do Paraná localizado a 24°02'38" de latitude sul e a 52°22'40" de longitude oeste do Meridiano de Greenwich. De acordo com o IBGE (2009), a população de Campo Mourão é de 85.896 habitantes.

Quanto à área de estudo, sua peculiaridade refere-se ao fato de que as praças em questão se acham imediatamente próximas, sendo separadas apenas por uma rua – a rua Brasil. Tal situação gera uma dinâmica espacial ímpar no que se refere aos usos e funções dos logradouros, que apesar de historicamente distintos se confundem quanto às representações e significados para os usuários.

CARACTERIZAÇÃO DAS PRAÇAS

- **Praça São José:** é uma praça conformada por quatro vias públicas: as avenidas Capitão Índio Bandeira e Irmãos Pereira e as ruas Harrison José Borges e Brasil.
 - **Praça Getúlio Vargas:** é uma praça delimitada por quatro vias públicas: as avenidas Capitão Índio Bandeira e Irmãos Pereira e as ruas Francisco Albuquerque e Brasil.
- As praças centrais de Campo Mourão acham-se representadas na **figura 1**.



Figura 1 – Localização das praças centrais de Campo Mourão. Abrigando a igreja, a Praça São José e ao seu lado, a Praça Getúlio Vargas.

FONTE: Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira, adaptado pelo autor, 2010.

DISCUSSÕES

Foram destacadas algumas perguntas do questionário, levando-se em consideração o grau de importância para a realização desse trabalho como: dados pessoais do

entrevistado (idade, grau de escolaridade, renda familiar, atividade profissional, etc.). Considerou-se também a opinião dos usuários a respeito do nível de agradabilidade das praças, seus problemas, grau de sociabilidade, etc.

A partir da aplicação dos questionários pode-se perceber que a maior parte dos frequentadores das duas praças refere-se a um público mais jovem e adulto, cuja idade varia entre 19 e 40 anos, num total de 52% dos entrevistados (**figura 2**). A porcentagem de idosos e adolescentes que frequentam as duas praças centrais de Campo Mourão é praticamente equivalente (15% em ambos os casos), sugerindo que as praças não mais representam tanta atratividade aos adolescentes que podem estar buscando formas de entretenimento alternativas mais comuns nos dias de hoje como internet, clubes, etc. Quanto aos idosos, sua presença é menor quando se compara aos tempos tradicionais, em que a praça em seu sentido essencial representava um local de encontro e convivência muito buscado por essa faixa etária.

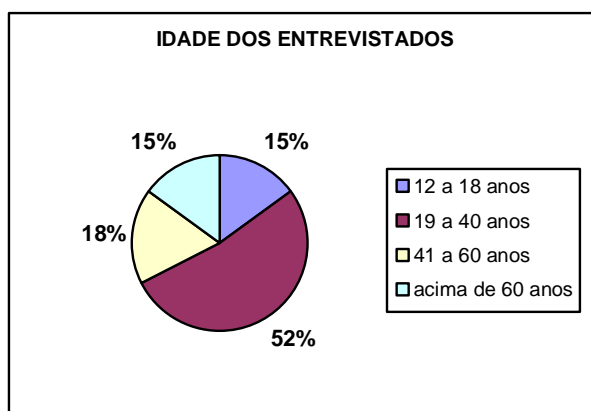


FIGURA 2 – Idade dos Entrevistados.
Fonte: Pesquisa direta, novembro/dezembro de 2009.

Quanto à escolaridade podemos destacar que a maior parte dos usuários das praças não possuem nem se quer o ensino fundamental completo (**figura 3**). Por se situarem em uma zona tipicamente central e comercial, as praças não constituem local de refúgio, descanso ou encontro a um público específico. A porcentagem de pessoas com o Ensino Superior concluído é muito reduzida (cerca de 13%).

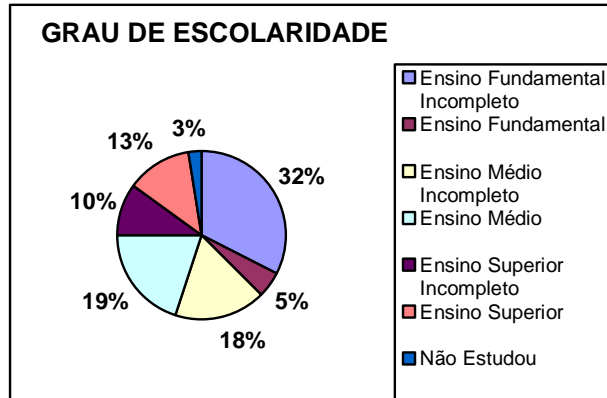


FIGURA 3 – Grau de Escolaridade
Fonte: Pesquisa direta, novembro/ dezembro de 2009.

A renda familiar da maioria dos entrevistados (cerca de 49 %) é de 1 a 2 salários mínimos, indicando praticamente a metade do universo de entrevistados (**figura 4**). Notou-se uma correlação bastante considerável entre a renda familiar dos entrevistados e a frequência às praças, sendo que a medida que a renda familiar aumenta, menor é a quantidade de pessoas que fazem uso das praças em seu aspecto social de encontro, lazer e convivência. Daí a discrepância das porcentagens entre os frequentadores que possuem renda entre 1 e 2 salários mínimos (cerca de 49%) e os que possuem renda acima de 6 salários (apenas cerca de 8%).

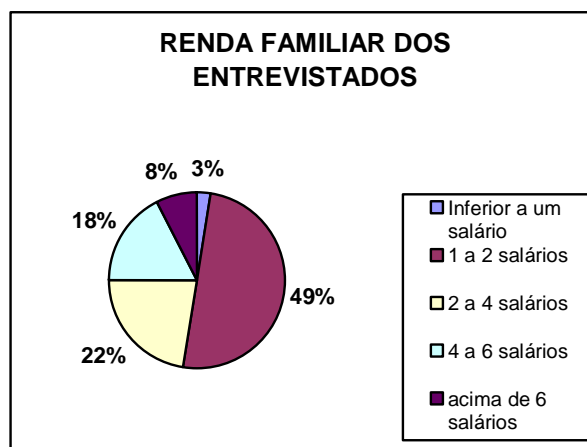


FIGURA 4 – Renda familiar.
Fonte: Pesquisa direta, novembro/ dezembro de 2009.

Com base na análise conjunta dos três gráficos apresentados podemos dizer que o retrato geral dos usuários das duas praças centrais de Campo Mourão corresponde especialmente a um público de idade mediana com pouca escolaridade e conseqüentemente ou não, baixa renda familiar. E é exatamente esse último fator que garante o maior uso das praças centrais por famílias, que dispendo de poucos recursos

financeiros vêm ainda na praça uma forma de lazer alternativa, principalmente para filhos pequenos que comumente são levados por seus pais às praças no sábado à tarde ou domingo.

Tal situação sugere de maneira evidente e pessimista de que tais praças acabam sendo espaço de lazer e de convivência somente àqueles que não possuem condições para frequentar espaços de lazer particulares “fechados” como, por exemplo, clubes. Assim é que muitas das pessoas entrevistadas alegaram somente ir às praças para simplesmente levar os filhos para brincar, mas que se tivessem acesso e condições a outras opções de lazer não iriam a tais espaços.

A triste realidade com que se deparam as praças centrais da cidade se reflete de forma bastante considerável nos gráficos e nas conversas com os frequentadores. As praças centrais de Campo Mourão parecem ter perdido a atratividade dos tempos passados, correspondendo atualmente a um espaço frequentado por aqueles que por ele não tem nenhuma afinidade, mas que só se encontram lá, porque não restam outras opções de lazer que se enquadram em sua baixa renda de trabalhadores comuns assalariados (**figura 5**).

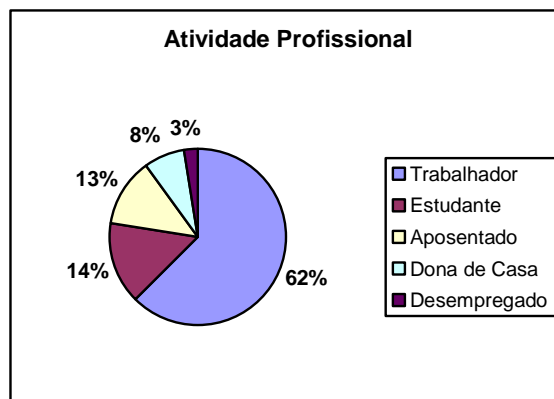


FIGURA 5 – Atividade profissional.
 Fonte: Pesquisa direta, novembro/ dezembro de 2009.

As praças habitualmente são consideradas como espaços de ociosidade e, portanto, sempre relacionadas com aqueles que dispõem de tempo para desfrutá-las, como por exemplo, os aposentados. No entanto, isso não configura a realidade das praças centrais de Campo Mourão. Em tais praças, a presença desse grupo específico é reduzida quando comparada aos demais grupos como o de trabalhadores. Isso nos permite dizer que a correlação forte que se criou no imaginário coletivo entre espaços públicos (como praças) e ociosidade não é tão expressiva em termos numéricos (daí mesmo a porcentagem de desempregados como usuários ser reduzida).

Mesmo com pouca expressividade numérica foi comum a maioria dos entrevistados relatar que frequentam as praças centrais de Campo Mourão com certo receio por

considerarem que tratam-se de espaços inseguros, do qual se apropriam certos grupos urbanos para venda e comércio de drogas, prostituição, etc. Daí a insegurança (**figura 6**) ser apontada com o principal problema das praças, o que justificaria também muita da pouca frequência dos mourãoenses aos espaços.

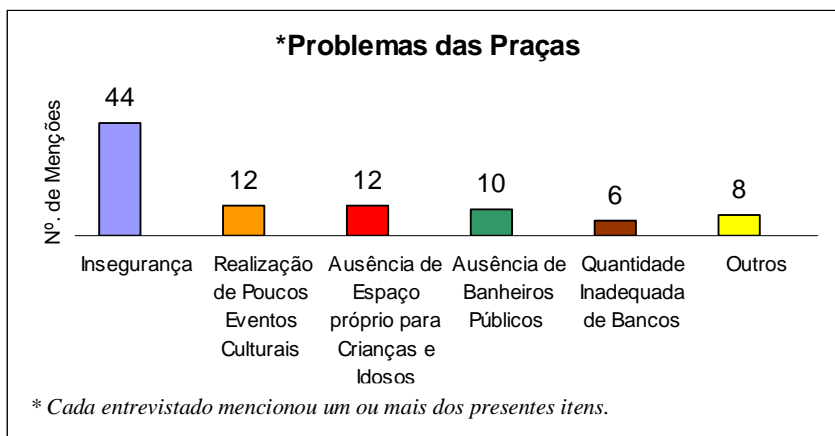


FIGURA 6– Problemas das praças.
Fonte: Pesquisa direta, novembro/ dezembro de 2009.

A construção das imagens das praças centrais de Campo Mourão como espaços de ociosidade e de atividades moralmente ilícitas é tão forte, a ponto de se questionar se ainda servem de maneira considerável como espaços de socialização, encontro e convivência (**figura 7**).

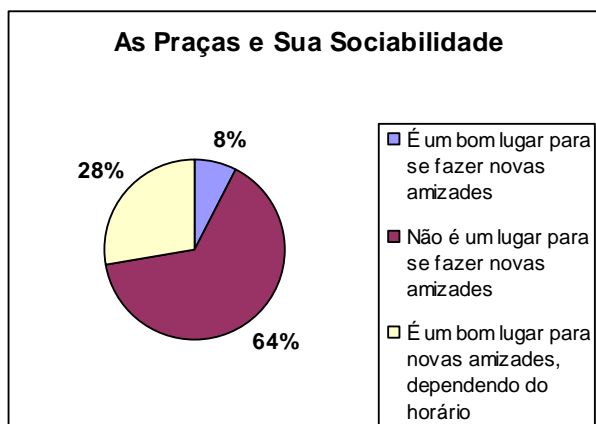


FIGURA 7 – As praças e sua sociabilidade.
Fonte: Pesquisa direta, novembro/ dezembro de 2009.

Com base no aspecto de sociabilidade das praças (**figura 7**), percebe-se que apenas uma pequena minoria (cerca de 8%) considera as praças como um bom lugar para se fazer amizade, ao lado da grande maioria que praticamente as negam como espaços de encontro ou que à elas fazem restrição, considerando, por exemplo, o horário para se estabelecer relações sociais “saudáveis”.



Entre aqueles entrevistados que relataram restrição quanto ao horário, a principal justificativa relatada é a de que as praças só se tornam espaços propícios ao estabelecimento de novas relações nos horários e dias que geralmente não ocorrem prostituição, como por exemplo, durante o dia, em sábados e domingos, quando justamente as famílias fazem maior uso dos espaços das praças.

A insegurança certamente é um fator de peso a ser considerado no caso de espaços públicos e entre eles, as praças. E é dessa maneira que já é bastante considerável o número de pessoas que preferem se “refugiar” em espaços de lazer privados como clubes. Outro aspecto a ser considerado refere-se ao pouco uso de tais praças centrais como espaços culturais urbanos como eram em tempos passados em sentido tradicional.

A localização central de ambas as praças, certamente as faz ser local privilegiado para que nele ocorressem maior número de eventos culturais, capazes de familiarizar as pessoas com tais espaços. No entanto a vertente cultural é pouco explorada e por isso, configurou a segunda grande queixa dos entrevistados (**figura 6**), seguida da ausência de espaços próprios para crianças, visto que como comentado acima é considerável o número de famílias que levam seus filhos para brincar em tais espaços nas tardes domingueiras, sendo este um dos principais motivos alegados pelos usuários para freqüência as praças (**figura 8**) ao lado da oportunidade de descanso oferecida pelos logradouros.

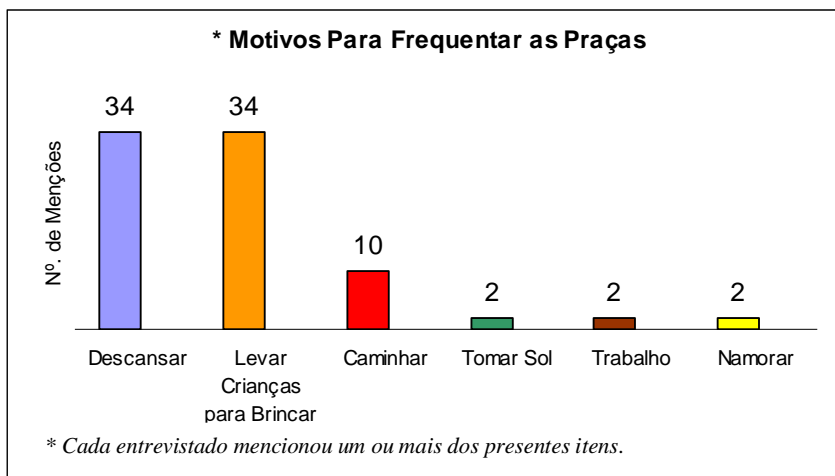


FIGURA 8– Motivos para freqüentar as praças.
Fonte: Pesquisa direta, novembro/ dezembro de 2009.

A oportunidade de descanso oferecida pelas praças foi relacionada pela maioria dos usuários à beleza e ao frescor (ar puro) que segundo estes constituem pontos positivos dos logradouros (**figura 9**).

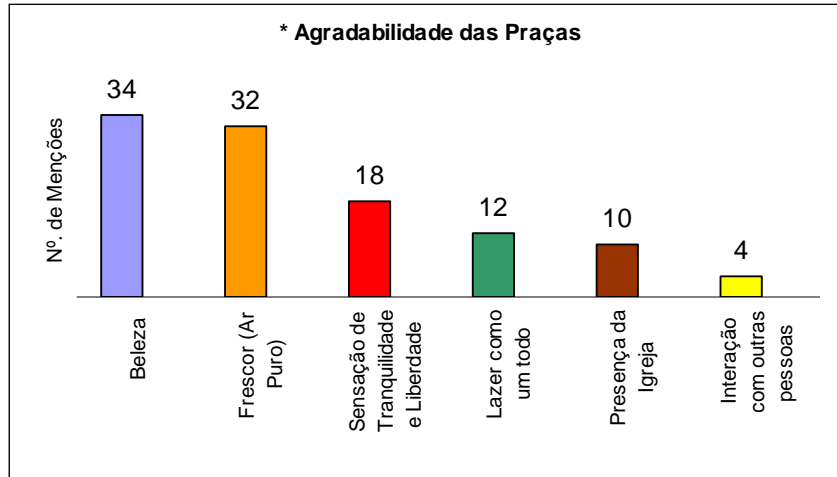


FIGURA 9– Agradabilidade das praças.

Fonte: Pesquisa direta, novembro/ dezembro de 2009.

Tal situação deixa evidente a importância da existência de áreas verdes em meio às “artificialidades” do espaço urbano. A localização das praças em uma zona extremamente central da cidade, certamente as confere maior valorização enquanto “espaços verdes” que proporcionam um micro clima mais agradável.

Daí vários frequentadores alegarem que a presença do “verde” nos logradouros contribui para uma sensação de tranquilidade e liberdade. Isso evidencia a contraposição que se criou no espaço urbano entre os espaços meramente construídos e as áreas verdes (como as praças), sendo estas últimas uma espécie de “refúgio”, onde se busca tranquilidade e condições melhores de bem estar como, por exemplo, ar mais puro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo configurando logradouros públicos dinâmicos no qual se desenvolvem uma série de atividades, as praças centrais de Campo Mourão são frequentadas em sua maioria por pessoas que nelas “privatizam seus espaços” entre familiares afins ou amigos, estabelecendo relações sociais entre grupos fechados que raramente se relacionam uns com os outros. Frequentemente, os seus usuários se negam ao encontro e a convivência, o que eram características essenciais correlacionadas a tais logradouros no passado.

A ideia intrínseca das praças enquanto espaço de lazer e socialização se encontram abaladas, sendo comumente desvalorizadas e associadas a grande negativismo construído no imaginário das pessoas. E isto acaba, muitas vezes, sendo muito mais decisivo para a não frequência às praças, mesmo que na prática a expressividade desse “negativismo” não seja tão forte em termos estatísticos, como no caso das duas praças centrais de Campo Mourão.



Apesar de o comércio de drogas e prostituição ocorrerem apenas de forma esporádica nas duas praças centrais, em determinados horários, estes últimos nos dias de hoje, são vistos como aqueles que representam e que dão identidade maior aos dois logradouros, colaborando para a construção de uma imagem negativa dos espaços pelos usuários. Daí ser comum nas entrevistas, os usuários relatarem as praças como espaços mais comuns de prostituição do que de frequência de famílias, quando na verdade estatisticamente estão longe de serem as atividades predominantes de tais logradouros, que contam ainda (de forma surpreendente) com frequência considerável de famílias.

REFERÊNCIAS

DE ANGELIS, Bruno Luís Domingos de. **A Praça no Contexto das Cidades: o caso de Maringá-PR**. Tese de (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

FERRARA, Lucrecia D'Alesio. As Máscaras da Cidade. In: **Olhar Periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. São Paulo: Edusp/Fapesp. 1993.

GUZZO, P. **Arborização Urbana**. Disponível em <<http://educar.sc.usp.br/biologia/prociencias/arboriz.html>>. Acesso em 10 jul. de 2010.

LANDIM, P. da C. **Desenho da Paisagem Urbana: as Cidades do Interior Paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

LOPES, W. G. *et all*. **Aspectos Relacionados ao Uso e Apropriação de Praças em Áreas Centrais de Cidades: Transformações e Permanências**. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

MARX, Murilo. **Cidade Brasileira**. Melhoramentos. Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

ROBBA, F; MACEDO, S.S. **Praças Brasileiras: public squares in Brazil**. São Paulo. Edusp: Imprensa oficial do Estado. 2002.

SEGAWA, H. **Ao Amor do Público: jardins públicos**. São Paulo, Studio Nobel: Fapesp. 1996.

SILVA, I. M. *et all*. **Análise das Funções das Praças do Bairro Centro de Teresina – PI**. In: II Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica. João Pessoa. **Anais**. João Pessoa, PE, 2007.

VARGAS, H. C. **Espaço Terciário: o Lugar, a Arquitetura e a Imagem do Comércio**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.